

FORMAÇÃO HUMANA E UNIVERSIDADE

HUMAN EDUCATION AND UNIVERSITY

CINTRA, Paula Cinthya Silva.

CARDOSO, Liliane Barros de Almeida.

BARCELOS, Simone de Magalhães Vieira.

Resumo: Este estudo propõe-se desenvolver reflexões que oportunizem uma compreensão inicial sobre a relação entre universidade e o processo de formação humana. Busca-se contribuir com a discussão evidenciando a articulação entre a universidade e a formação humana, assim como relacionar o processo formativo ao sentido da universidade como instituição e como organização. Para viabilizar as discussões da questão e dos objetivos propostos utilizou-se a abordagem qualitativa, por meio de revisão bibliográfica. O material de pesquisa tem relevância com o sentido da universidade e da formação no campo histórico-filosófico. Infere-se que sejam formulações de considerações fechadas, mas é uma compreensão inicial, para uma problemática complexa como formação humana. Entendendo que a universidade como organização é um desafio posto em andamento, pois se configura em processos que tentam inviabilizar o movimento do pensamento, as reflexões e o saber, privilegiam, à vista disso, uma formação para o não-saber e para obscuridade. Compreende-se que a universidade deve ser pensada como instituição social, em que oportunize experiências formativas para elevação da alma e que seja constituída como espaço propício para as indagações e para o pensamento. Sendo, hoje, um momento apropriado para o giro do olhar e a crítica em relação as perspectivas formativas para almejar e pensar em uma outra *paideía*, que contemplem uma formação que busca a existência humana e coletiva.

Palavras-chave: Formação Humana. Universidade. Instituição Social.

Abstract: This study proposes to develop reflections that provide an initial understanding of the relationship between the university and the process of human formation. It seeks to contribute to the discussion by highlighting the articulation between the university and human formation, as well as relating the training process to the meaning of the university as an institution and as an organization. To facilitate the discussions of the question and the proposed objectives, a qualitative approach was used, through a bibliographic review. The research material is relevant to the meaning of the university and of training in the historical-philosophical field. It is inferred that they are formulations of closed considerations, but it is an initial understanding, for a complex problem such as human formation. Understanding that the university as an organization is a challenge set in motion, as it is configured in processes that try to make the movement of thought, reflections and knowledge unfeasible, they privilege, in view of this, a training for not-knowing and for obscurity. It is understood that the university should be thought of as a social institution, in which it provides formative experiences for the elevation of the soul and that it is constituted as a favorable space for inquiries and thought. Today, it is an appropriate moment to turn the gaze and criticize the formative perspectives to aim for and think about another *paideia*, which contemplate a formation that seeks human and collective existence.

Keywords: Human Formation. University. Social Institution.

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202215

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como proposta desenvolver reflexões que oportunizem uma compreensão inicial sobre a relação entre universidade e formação humana. Para tanto, é preciso compreender que, desde a sua gênese aos dias atuais, os nexos constitutivos dessa temática transformaram-se, historicamente, num processo contínuo favorecendo aos interesses vigentes, atribuindo sentidos a cada tempo.

Como nos assegura Chauí (2001), a universidade deve ser uma instituição social. Nesse contexto deve expressar o modo como determinada sociedade em determinado período histórico se constitui e expressa suas necessidades e realidade. A autora destaca que sua condição de instituição social foi substituída pela de organização a favor dos interesses do capital intensificando e supervalorizando as questões organizacionais por meio de estratégias ideológicas. Dessa forma Chauí (2016, p. 247), compreende que a finalidade da ideologia é “produzir uma universalidade imaginária, pois, na realidade, apenas generaliza para toda a sociedade os interesses e o ponto de vista particulares de uma classe: aquela que domina as relações sociais”

O sentido da universidade, no seu nascimento, constituiu-se como instituição de formação humana, nutrindo-se de processo formativo humanizador. Porém, atualmente, os interesses ideológicos se contrapõem a essa perspectiva, com isso ressignificam o significado da universidade em relação ao processo formativo. Este estudo empreende-se em ressaltar a universidade com instituição social.

Diante dos interesses presentes do capital na universidade, um fator que permanece em evidência, ou deveria, na perspectiva das autoras é a importância das pessoas. É a universidade que se apresenta como locus profícuo para formação do ser humano. Assim sendo, tem-se como questão que norteia o presente estudo: A articulação entre a universidade e a formação humana é viável?

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202215

Conforme Coêlho (2016), a universidade é uma instituição sociocultural, trata-se inegavelmente de uma prática social que tem como prerrogativa a transmissão crítica. O autor deixa claro e; seria um erro, porém, não atribuir atualmente a constituição de organização à universidade. Assim reveste-se de particular importância ressaltar que a preconização para esse sentido se direciona à lógica do mercado, concomitantemente as demandas da empresa, por mecanismos de eficiência e produtividade.

Tal entendimento, elucida que os interesses presentes, pelo capital, interferem na relação entre a universidade e a formação humana. Nessa compreensão, o objetivo neste estudo é contribuir com a discussão evidenciando a articulação entre a universidade e a formação humana. Assim como, relacionar o processo formativo ao sentido da universidade, tanto como instituição, como organização.

Compreende-se que, para essa problemática, as reflexões devem se desenvolverem no campo histórico-filosófico, pois contribuirão para desvelar para além do que está posto. Assim, para viabilizar as discussões da questão e dos objetivos propostos pretende-se utilizar a abordagem qualitativa. Por meio, de revisão bibliográfica, através de material que possua relevância com o sentido da formação na universidade no campo histórico-filosófico.

A referência teórica terá como base os intelectuais Marilena de Souza Chaui e Ildeu Moreira Coêlho que evidenciam os nexos constitutivos da transformação da universidade de instituição social, no período do medievo, em organização, na modernidade e os seus respectivos nexos. Assim, como respaldando-se na reflexão filosófica de Marco Aurélio Fernandes que contribui para clarificar possibilidades à formação humana.

O texto primeiramente privilegiará uma breve discussão da perspectiva histórica e filosófica do sentido da universidade tanto como instituição, quanto de organização. Posteriormente, desenvolverá uma tentativa de evidenciar a possibilidade do processo humanizador ser potencializado pela universidade. Em seguida será elencadas algumas considerações das reflexões desenvolvidas neste estudo, ressaltando que não são ponderações fechadas, pois como referido anteriormente, trata-se de uma compreensão introdutiva.

Formação humana e universidade: uma relação necessária e possível

A etimologia da expressão palavra universidade tem sua origem no latim, *universitas*. O que significa que em sua gênese constituiu-se na Baixa Idade Média, no século XIII, por meio da *universitas studiorum*. Na visão de Coêlho (2008, p. 8) o termo refere-se “à corporação de mestres e escolares dedicados ao estudo das artes [...] garantidos por estatutos próprios, para se proteger das ameaças dos poderes locais, regulamentar e garantir o exercício autônomo do ofício de investigar e de ensinar”. Cabe ressaltar que que essa corporação foi instituída em um período, demarcado por diversas mudanças concomitantes na Idade Média.

De acordo com Cambi (1999), pode-se inferir que a Idade Média foi um período, dividido em dois períodos. Em um contexto marcado por diversas transformações econômicas, sociais, políticas, geográficas e culturais. O fato é que a Alta Idade Média, caracterizou-se pelo desenvolvimento de um processo econômico agrícola, por meio de restritas relações comerciais, não se pode deixar de evidenciar a constituição do sistema de produção feudal, assim como a predominância dos interesses da Igreja, alicerçados pelo cristianismo, concebido “como sistema de doutrina, como costume de vida, como retículo de instituições [...] que atravessa toda a sociedade medieval” (Ibidem, p. 143).

O outro período, posterior constituiu-se pela Baixa Idade Média. Conforme Cambi (1999), nele prevaleceu interesses e influências significativas do cristianismo. Percebe-se aqui, entretanto, uma questão fundamental quando se fala em alterações, visto que foram alicerçadas no surgimento de uma nova classe social, a burguesia. Percebe-se que essa reestruturação preconizou à sociedade uma nova organização em diferentes esferas, como: hierarquização social; crescimento da população urbana; e o desenvolvimento econômico, por meio do avanço na incrementação técnica. Vale esclarecer que esse processo teve como cerne o pensamento burguês, que defendia premissas basilares, ao indivíduo, com prerrogativa individualista e autônoma.

Conforme explicado acima é interessante, aliás, afirmar que a Idade Média foi dividida em dois períodos, pois realmente trata-se de aspectos sociais, políticos e econômicos distintos, o fator que se sobrepõe é a constituição de uma nova classe, a burguesia. Conforme citado, essa

nova organização societária preconizou alterações auspiciosas à sociedade. Sob essa ótica, ganha particular relevância, pensar a universidade concomitantemente a sociedade.

Destarte, de acordo com Coêlho (2016), que a universidade inicia no século XIII, na Baixa Idade Média simultaneamente a relevantes transformações em diversos aspectos da sociedade. O autor deixa claro que sua gênese se relaciona a prática social, nesse sentido, cabe salientar que a centralidade formativa era na compreensão e no aprendizado. Trata-se inegavelmente de "trabalho intelectual rigoroso" (Idem, 2008).

O fato é que este trabalho intelectual se constituía por meio de experiências formativas em diversas dimensões. Não se pode deixar de evidenciar as *lectiones* e as *disputationes*. Vale lembrar que as *lectiones* empreendiam-se na perspectiva do *lectio*, ou seja, na origem da universidade, orienta-se para além das leituras dos textos, mas no sentido da compreensão e do pensamento instigante. Dessa forma sua etimologia:

está presente o sentido de ato de escolher, selecionar o que deve ser lido, comentado, explicado e entendido. O texto é percorrido, explorado em busca do sentido dos termos; os conceitos, as teses e os argumentos são submetidos a uma interrogação cuidadosa que revela o que aí se encontra, o que está dito. Mestres e estudantes colhem, recolhem o sentido e o percurso do pensamento, da razão. [...] é um ato de criação, de pensamento, um *ato do intelecto* (Ibidem, 2018, p. 17).

O autor deixa claro na citação acima que o *lectio* é uma leitura que proporciona o movimento do pensamento para o entendimento. Este é o motivo pelo qual é importante frisar esse ponto, uma vez que, leitura na gênese da universidade não se tratava de ato mecânico e automático, mas de um com intelectual. Conforme citado acima a forma de realizar essa demanda é empreender na busca do sentido, por meio de explicações e também por interrogações.

A outra dimensão, conseguinte as *lectiones*, era as *disputationes*, sob o prisma da *disputare*, mostra-se oportuno evidenciar que seu sentido “é examinar, expor os argumentos de uma causa, discutir, debater, argumentar, disputar” (Ibidem, 2008, p. 19). Daí a percepção que, pós a compreensão da gênese do sentido dos textos realizava-se o movimento da argumentação coletiva entre os integrantes da universidade. Sob essa ótica, ganha particular relevância o fato

da universidade medieval, institui-se socialmente tendo reconhecimento do espaço público (CHAUÍ, 2003).

É interessante aliás, afirmar que a transição da Idade Média para a Moderna, fomentou a universidade outro sentido formativo. Trata-se inegavelmente, no início da sociedade moderna, de transformações em vários âmbitos, tanto econômico-político, quanto social e ideológico cultural. Assim, o fato é que no âmbito econômico-político, desenvolveu-se como sistema econômico o modo de produção capitalista mercantil, substituindo o sistema feudal e institui-se o Estado Moderno; e a ascensão da burguesia, marcou o âmbito social (CAMBI, 1999). Julgamos pertinente evidenciar que a ideologia burguesa se solidificou concomitante ao avanço dessa classe.

Diante desses dados, cabe questionar: O que a ideologia dessa classe almejava? O conceito de ideologia, concerne certamente, como a “forma específica do imaginário social moderno, é a maneira necessária pela qual os agentes sociais representam para si mesmos o aparecer social, econômico e político [...] é o ocultamento ou a dissimulação do real” (CHAUÍ, 2000, p. 3). A autora deixa claro que o jogo posto é não evidenciar o que é a realidade, mas disfarçar, por meio do imaginário os reais interesses. Vale observar que no âmbito ideológico cultural instaura-se os ideários engendrados pelo tripé, composto pelo modo de produção capitalista, pela burguesia e pelo Iluminismo, fortalecendo, dessa forma, a concepção de universidade como organização.

De fato, a ideologia burguesa institui-se como sustentáculo para sustentabilidade dessa nova sociedade. Com isso, é importante observar, entretanto, que necessita de uma outra perspectiva de formação humana, fundada nos seus interesses. Dessa forma, a formação humana no decorrer da história foi se adequando aos interesses ideológicos do tripé da modernidade. Destarte, na modernidade:

A formação do homem segue novos itinerários sociais, orienta-se segundo novos valores, estabelece novos modelos. A reflexão sobre esses processos de formação vive a transformação no sentido laico e racional que interessa à ideologia e à cultura, isto é, a visão do mundo e a organização dos saberes. Opera-se assim uma radical virada pedagógica que segue caminhos muito distantes daqueles empreendidos pela era cristã [...] que reativam sugestões – sobretudo teóricas – da Antiguidade e da sua *paideía*, vista como uma livre

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202215

formação humana em contato com a cultura e com a vida social (CAMBI, 1999, p. 198).

Conforme o autor deixa claro, a formação humana na modernidade apresenta novos valores, com centralidade no sentido laico e racional. Esse é o motivo pelo qual é importante destacar que a virada pedagógica diverge ao sentido do cristianismo. Como citado a formação terá como tônica a organização dos saberes, destituindo os valores culturais e sociais

O sentido dessa formação humana continua em curso e apresenta, hoje, dimensões e mecanismos cada vez mais racional, pragmática, instrumentalizada, pensada para a eficiência e ajustada para atender as necessidades do mercado. Na visão de (COÊLHO, 2016), pode-se dizer que as experiências formativas e da universidade, nos dias de hoje, se constituem para o sentido de organização, por meio de mecanismo administrativos assemelhando as características das empresas, tais como, gestão, resultado, produtividade e competitividade. Neste contexto, fica claro que se afasta do seu cerne fundante do pensamento vivo e do saber provocativo em sua totalidade. A reflexão filosófica de Chauí sobre essa visão de organização é bastante compreensível. Para a autora:

Uma organização difere de uma instituição por definir-se por uma prática social, qual seja, a de sua instrumentalidade: está referida ao conjunto de meios (administrativos) particulares para obtenção de um objetivo particular. Não está referida a ações articuladas às idéias de reconhecimento externo e interno, de legitimidade interna e externa, mas a operações definidas como estratégias balizadas pelas idéias de eficácia e de sucesso no emprego de determinados meios para alcançar o objetivo particular que a define. Por ser uma administração, é regida pelas ideias de gestão, planejamento, previsão, controle e êxito (CHAUÍ, 2001, p. 187).

A autora deixa claro na citação acima que há divergências entre o sentido de instituição social e organização. Uma organização, tem como centralidade a instrumentalização, ou seja, as ideias da administração, tais como gestão, planejamento e controle serão indispensáveis para um resultado eficiente e de sucesso.

Tendo em vista a universidade como organização preconiza-se a “tentativa de mudar seus rumos e sua prática social, aproximando-a das empresas, do chamado mercado, dos interesses dos donos do dinheiro e do poder” (COÊLHO, 2016, p. 92). Isso posto, entende-se

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202215

que o sentido da formação humana da universidade, de hoje, é a que convém aos interesses desses agentes que tem um entendimento sobre a função da universidade e a formação.

Definitivamente pensar esse movimento é necessário para se pensar a relação entre a universidade e a formação humana. É preciso esclarecer que neste estudo, compreende-se que o saber “é o trabalho para elevar a dimensão do conceito uma situação de não-saber, isto é, a experiência imediata cuja obscuridade pede o trabalho da clarificação” (CHAUÍ, 2000, p. 3) . Em direção oposta, a perspectiva organizacional em curso apresenta dimensões que rejeita o saber e nega um espaço formativo que contemple o movimento do pensamento e das indagações, ou seja trata-se de um abandono a formação (Idem, 2003). Aliás, a universidade, como organização, movimenta-se para experiências formativas que contemplam essa dimensão do não-saber, conservando-se a obscuridade, enfraquecendo a perspectiva da formação.

Uma vez evidenciada, ainda que de forma breve, acerca da transformação da universidade como instituição social para organização, convém salientar que a universidade, como organização, suprime o sentido de formação, da sua gênese. Entende-se que o sentido atribuído a universidade reflete diretamente na concepção de formação posta. Nesse sentido, compreende-se imprescindível pensar na relação entre universidade e formação humana no sentido de transformação, pensando a universidade inseparável da experiência formativa humana.

Ao discutir formação humana é imprescindível clarificar qual conceito de formação orienta este estudo, a fim de que fiquem revelados os nexos constitutivos que permeiam a relação entre a universidade e a formação humana. Dessa maneira, para além do sentido da universidade como organização, como está posto, evidencia-se a necessária possibilidade de espaço formativo potencializador do processo de humanização. Assim, de acordo com Chauí (2003, p. 12) formação é:

uma relação com o tempo: é introduzir alguém ao passado de sua cultura (no sentido antropológico do termo, isto é, como ordem simbólica ou de relação com o ausente), é despertar alguém para as questões que esse passado engendra para o presente, e é estimular a passagem do instituído ao instituinte [...] há formação quando há obra de pensamento e que há obra de pensamento quando o presente é apreendido como aquilo que exige de nós o trabalho da interrogação, da reflexão e da crítica, de tal maneira que nos tornamos capazes

de elevar ao plano do conceito o que foi experimentado como questão, pergunta, problema, dificuldade.

Conceber a formação nessa direção é entendê-la como uma questão imprescindível e essencial do pensamento tanto interrogativo, como reflexivo, que contribua para transformação humana, pois o ser humano não nasce humanizado, ele se constrói no movimento do processo humanizador. E este é um desafio para a universidade, em contribuir como espaço coletivo da humanização do homem.

Nesse sentido, há a perspectiva de uma universidade, que contemple aos ex-alunos uma formação para uma profissão, mas também para uma formação de “homens, cidadãos, dando à profissão e à existência (individual e coletiva) uma dimensão social e política comprometida com a humanização do homem” (COELHO, 2008, p. 10). Com isso não se trata somente de uma formação, mas de uma formação humana, que tenha como centralidade a humanização do ser humano.

A formação humana não é, portanto, uma questão alheia a universidade, mas inerente a ela. Nessa perspectiva, concorda-se com o pensamento de Marco Fernandes, que apresenta reflexões filosóficas pertinentes relacionadas a possível mudança no pensamento em relação a ideologia que está em curso, propondo outras perspectivas formativas, instituídas por outra paideia. Paideia, compreendida aqui, como “processo de humanização do homem, ou seja, de apropriação, pelo homem histórico, de sua própria humanidade” (FERNANDES, 2016, p. 48).

Pode-se dizer que Fernandes (2016) propõe uma meditação cairológica, como sendo o momento presente um momento favorável, como oportunidade da virada do pensamento. O importante é pensar na travessia do deserto, como possibilidade de uma mudança, visto que ao mesmo tempo salva e liberta. Assim reveste-se de particular importância o pensamento de uma outra paideia. Sob essa ótica, ganha relevância pensar essa transformação de paideia concomitantemente a mudança de pensamento do homem em sua essencialidade. Dessa forma:

A educação superior é o pináculo da educação. Ela, mais do que tudo, precisa responder e corresponder ao desafio de uma *paideia* do pensamento. Sem o esforço de uma tal correspondência, ela deixa de ser superior. É que superioridade, aqui, não tem a ver com poder e status, mas sim com superação. Superação que dizer, aqui, transcendência. O desafio de hoje é a superação do homem. Isto quer dizer, que o homem supere o homem que ele tem sido até

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202215

agora. Isto implica uma virada na essencialização do homem (FERNANDES, 2016, p. 47-48).

Posto isto, o autor na citação acima convida a superação do instituído no pensamento, ou seja, que deve ser destituído, para refletir sobre um outro pressuposto formativo, de uma outra paideia. Como citado a educação superior é *lócus* profícuo para a superação dessa paideia presente. Vale ressaltar que a paideia no significado ontológico é entendida “como a tarefa da essencialização do homem humano [...] O quilate de uma tal paideia não se mediria pela abundância das informações adquiridas, pela riqueza dos conhecimentos. Ela se mediria pela pobreza do pensar e pelo crescimento e maturação do espírito do homem (FERNANDES, 2016, p. 80)

Verifica-se que esse outro pensamento da paideia constituiria da transcendência do espírito do ser, no sentido não da religiosidade, mas na perspectiva do saber e da elevação da alma. O ponto fundamental é que o saber, não é quantificável pelas informações, mas que é instituído pelo exercício do pensamento. Dessa maneira é possível pensar em uma articulação necessária e possível entre a formação humana e a universidade, em que a universidade, como espaço formativo, pode viabilizar experiências formativas que contemplem o pensamento, para essencialização humana, conseqüentemente a humanização do homem. Assim,

O que importa fundamentalmente é ensinar a pensar, abrindo com e para os alunos a possibilidade e a necessidade de caminhar no sentido da humanização do homem [...] A universidade deve constituir-se como escola de elaboração intelectual, de descoberta, de invenção, de pensamento, de encontro e confronto das diferentes visões de mundo [...] em que imperem as questões mais do que as respostas, a dúvida mais do que a certeza, a busca mais do que a conclusão (COELHO, 1998, p.11).

Entendido desse modo, o pensamento é essencial para a formação humana, no sentido, de sua incompletude, enquanto infinidade de indagações. A universidade, dessa forma, é um espaço oportuno para possibilidades formativas, constituídas do movimento do pensamento. Para Chauí (2016, p. 248) o pensamento “é um trabalho de reflexão que se esforça para elevar uma experiência (não importa qual seja) à sua inteligibilidade [...] que pede para ser determinado e pensado, isto é, compreendido”.

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202215

A formação humana, portanto, vai para além do que está posto pelo discurso ideológico da universidade na perspectiva organizacional, com ações que se alinham as perspectivas empresariais e aos donos do dinheiro. Compreende-se que formação humana se refere a “[...] formar e formar-se, de cultivar o saber vivo e provocante da sensibilidade, da imaginação, da inteligência, do pensamento e da ação de estudantes e professores” (COÊLHO, 2016, p.103).

Fica evidente, diante desse quadro que dialogar sobre a articulação entre a formação humana e a universidade, pode ser um ponto de partida para se pensar a universidade como espaço propício a interrogação, ao pensamento vivo, a busca pela existência humana individual e coletiva, conseguinte o processo humanizador.

CONSIDERAÇÕES

Algumas considerações são possíveis alicerçadas neste estudo, tais como compreender que a relação entre a universidade e a formação, passou e passa por transformações significativas, desde a sua gênese, na Baixa Idade Média, até a atualidade. Permeadas por dimensões particulares relacionadas ao seu tempo histórico. Trata-se de atender a necessidade do homem moderno, nos aspectos sociais, econômicos e políticos.

Nesse sentido, a universidade não ficou alheia a essas transformações. Ou seja, desde a modernidade institui-se a universidade um caráter organizacional, alterando-o sentido de sua gênese de instituição social, centralizada na essência do pensamento, e do coletivo, ou seja, do espaço público. As premissas de uma universidade como organização são alicerçadas pela tônica administrativa, com ênfase estrutura de empresas, cujo resultado pauta-se na eficiência e no sucesso, com ações de gestão, planejamento, previsão, controle e êxito, adotados a partir da modernidade também na universidade.

Percebe-se a divergência nos sentidos, se por um lado no seu nascimento, na Idade Média, a universidade tinha o sentido de instituição social, voltada para o saber, o pensar, o questionar, para se olhar para além do que está posto. Por outro a partir da modernidade, o seu sentido como organização evidencia-se permeado por interesses que se relacionam tanto as perspectivas empresarias, quanto as do mercado.

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202215

Pode-se dizer que a universidade como instituição social formadora autônoma, se empreende na busca pelo desejo do saber e ao desafio intelectual, que contempla o debate de todos os assuntos em sua totalidade, sendo um espaço formativo propício as dúvidas, ao movimento do pensamento, trata-se de um processo humanizador.

A universidade como organização é um projeto posto em andamento, pois se configura em processos que tentam inviabilizar o movimento do pensamento, as reflexões e o saber, privilegiam, à vista disso, uma formação para o não-saber e para obscuridade. Compreende-se que a universidade deve ser pensada como instituição social, que oportunize experiências formativas para elevação da alma, no sentido, da transcendência do espírito e que seja constituída como espaço propício para as indagações e para o pensamento.

Assim, hoje, é sim um momento apropriado para o giro do olhar e a crítica em relação as perspectivas formativas que estão sendo impostas pelos interesses presentes à universidade. Almejando pensar em uma outra *paideía*, em que contemple uma formação que busca a existência humana e coletiva. Isto posto, refuta-se que sejam formulações de considerações fechadas, mas como foi ratificado é uma compreensão inicial, para uma problemática complexa como formação humana que necessita de constantes reflexões.

REFERÊNCIAS

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1999.

CHAUÍ, Marilena de Souza. O discurso competente. *In*: _____. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Cortez, 2000.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Escritos sobre a universidade. São Paulo: UNESP, 2001.

CHAUÍ, Marilena de Souza. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista brasileira de educação**, p. 5-15, 2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/n5nc4mHY9N9vQpn4tM5hXzj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 mai 2022.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Ideologia e educação. **Educação e pesquisa**, v. 42, p. 245-258, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/Hkd5kq8TC4k7bgfGBY7PNds/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 04 mai 2022.

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202215

COÊLHO, Ildeu Moreira. Graduação: rumos e perspectivas. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 3, n. 3, 1998. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/avaliacao/article/view/1008/1004>. Acesso em: 06 mai 2022.

COÊLHO, Ildeu Moreira. A gênese da docência universitária. **Linhas críticas**, v. 14, n. 26, p. 5-24, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1935/193517442003.pdf>. Acesso em: 04 mai 2022.

COÊLHO, Ildeu Moreira. Universidade e ensino: treino ou formação?. *In*: COÊLHO, Ildeu Moreira; FURTADO, Rita Márcia Magalhães (organizadores) **Universidade, cultura, saber e formação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016.

FERNANDES, Marcos Aurélio. Técnica, Pensamento, Paideia: uma metitação cairológica. *In*: COÊLHO, Ildeu Moreira; FURTADO, Márcia Magalhães (organizadores) **Universidade, cultura, saber e formação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016.

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202215